

# QUAIS SÃO AS PERCEPÇÕES DOS LICENCIANDOS DA UNILAB<sup>1</sup> SOBRE COMO SUA FORMAÇÃO E A DISCIPLINA DE LIBRAS OS CAPACITAM PARA A FUTURA ATUAÇÃO NO ENSINO DE SURDOS<sup>2</sup>?

**Bianca Dos Santos Marques**

Discente do Curso de Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

**Contato**

<marquesb735@gmail.com>

**Vanessa Teixeira De Freitas Nogueira**

Docente de Libras - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB; Coordenadora dos projetos Laboratório de Libras e Conversação em Libras.

**Contato**

<vanessa.teixeira-fn@unilab.edu.br>

**Palavras-chave:**

Ensino/aprendizagem; Exclusão; Formação; Surdo.

**Keywords:** Teaching/learning; Exclusion; Training; Deaf.

**Resumo:** A maioria dos jovens surdos sofre com a realidade excludente das escolas brasileiras, a má formação do professor para atender a públicos específicos é uma das causas desse problema e será abordada neste trabalho. Este estudo objetiva compreender, a partir das percepções dos discentes dos cursos de licenciatura, o processo de preparação/formação que a Unilab oferta destinada à educação inclusiva em específico, ao público surdo. Espera-se, com esse trabalho, chamar atenção da comunidade acadêmica para essa questão, a fim de fazê-la indagar sobre seu papel como futuros profissionais que atenderão a uma grande diversidade de pessoas.

**Abstract:** Most deaf young people suffer from the exclusionary reality of Brazilian schools, the teacher malformation to serve specific audiences is one of the causes of this problem and will be addressed in this paper. This study aims to understand, from the perceptions of undergraduate students, the process of preparation/training that Unilab offers aimed at inclusive education specifically for the deaf public. It is hoped, with this work, to draw the academic community's attention to this issue, in order to make it inquire about its role as future professionals who will serve a great diversity of people.

## INTRODUÇÃO

Nos anos 90, ocorreu uma explosão de políticas voltadas para inclusão da pessoa com deficiência ou com características não normativas, visando equiparar os direitos desses indivíduos com o restante da sociedade. Embora seja uma boa proposta, não foram disponibilizados meios para que essa prática se concretize, ou seja, foram expandidas políticas objetivando a inclusão, mas não foram dados os meios para que a mesma seja efetivada. No ano de 2003, o Ministério da Educação, criou o programa Direito à Diversidade, com o intuito de compartilhar conceitos, informações e metodologias no campo da educação especial. O documento *O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns na Rede Regular* (2004) foi um passo importantíssimo, mas que também é um exemplo de política que cria projetos e leis, mas que não dá os instrumentos necessários para sua efetivação.

Essas políticas voltadas para a inclusão do indivíduo surdo que não são efetivadas reafirmam e tornam ainda mais explícito o quanto difícil é um jovem surdo conseguir se manter em um sistema educacional que não se encontra devidamente preparado para prestar total assistência à comunidade surda e que, por ser mi-

norria em relação à comunidade ouvinte, enfrentam grandes adversidades para se manterem no ensino básico, sofrem com as desigualdades no processo ensino/aprendizagem, o que pode ser evidenciado ao comparar duas crianças, uma surda e outra ouvinte, que ingressam na pré-escola com desenvolvimento cognitivo semelhante e que ao final dessa etapa se distanciam no que diz respeito ao aprendizado. Além disso, é importante ressaltar que os surdos se distanciam dos ouvintes também no desenvolvimento linguístico, uma vez que os surdos, em sua maioria, são filhos de pais ouvintes e só terão contato com a língua de sinais quando chegarem à escola. Logo, a falta de informação desses pais torna ainda mais difícil o processo de ensino/aprendizagem desses alunos. Essa realidade excludente dificulta que os estudantes surdos consigam concluir o nível básico da educação e que, por sua vez, não conseguem ingressar na universidade, bem como no mercado de trabalho, acabam tornando-se mais uma parcela da sociedade que não tem seus direitos respeitados e não consegue uma ascensão econômica relevante, pois a deficiência, seja ela qual for, gera preconceito e exclusão.

Como visto, as políticas públicas que incluem são as mesmas que excluem e que tornam os surdos os únicos responsáveis pelo seu sucesso

<sup>1</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) nasce baseada nos princípios de cooperação solidária. Voltada para a cooperação internacional e compromissada

ou fracasso. A cobrança pelo alto desempenho, que objetiva apenas a assimilação de conteúdo pedagógico e que exige por parte do aluno alto rendimento, forma um cenário com obstáculos muitas vezes intransponíveis para a inclusão. A escola, como uma das responsáveis por construir cidadãos, tem papel fundamental na formação e desenvolvimento dessas pessoas. A criança ouvinte inicia o processo de aprendizagem, desde o seu nascimento através de relacionamentos interpessoais, da própria escola e pela linguagem; já a criança surda adquire tais valores e aprendizados na escola (MOURA, 2013) Visto que a criança surda precisa de um sistema educacional que atenda as suas necessidades, a instituição a qual ela está vinculada deve prestar total assistência, com boa estrutura física, material adequado e professor bem preparado para lidar com alunos especiais e, geralmente em escolas da rede pública, não é assim que acontece.

Embora o decreto de n.º 5.626 de 22 de dezembro de 2005 e lei 13.146 (BRASIL, 2005) em suas disposições afirme que as escolas devem ser providas de algum destes profissionais: professor de Libras, instrutor de Libras, tradutor ou intérprete de Libras, algumas escolas não os possuem, por diversos fatores, como por exemplo, a falta de pessoas capacitadas em Libras na região onde a escola se localiza, falta de recursos financeiros para a contratação do profissional, falta de estrutura na própria escola, dentre tantos outros problemas que limitam as instituições. O que foi mencionado acima torna o professor, mesmo que de forma inadequada, o responsável por formar, ensinar, incluir e dar a devida atenção para os alunos surdos, bem como para os demais alunos. Embora estes professores possuam em sua grade curricular, ainda durante sua formação, uma disciplina de Libras, não é suficiente para que se aprenda a Língua Brasileira de Sinais e consigam absorver apenas noções muito básicas que uma criança consegue aprender rapidamente e que não os capacitam para incluí-la em sala de aula, muito menos lhe repassar conhecimento. Essa falta de especialização dos professores na língua de sinais acarreta vários problemas que seriam minimizados se eles a possuíssem, como a exclusão do aluno em sala de aula, o não acesso a uma educação igualitária para ouvintes e não ouvintes e até mesmo torna-se um dos vários motivos que explicam os baixíssimos índices de alunos surdos nas universidades públicas. Logo, percebe-se que existe uma deficiência na for-

mação dos professores que tem um impacto direto no processo de ensino dos alunos surdos.

O artigo 59, inciso III, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 diz que os sistemas de ensino têm que assegurar aos discentes com necessidades especiais “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns”. O papel do professor nesse processo de inclusão é fundamental, uma vez que ele é o mediador do processo ensino/ aprendizagem (SAVIANI, 2008). Sendo assim, o professor deve estar bem preparado para conseguir suprir as necessidades e/ou limitações que dificulte o processo de aprendizagem dos alunos surdos.

Partindo desse pressuposto, vê-se o quão importante é a formação de um profissional que, além da sua especialidade, tenha uma boa qualificação em Libras. Acreditando que o trabalho do professor além de ensinar é de também incluir, foi desenvolvido o presente artigo cujo tema é “Formação de professores ouvintes pela UNILAB no processo de ensino/ aprendizagem de alunos surdos”. O artigo traz como objetivo geral analisar se os futuros professores sentem-se capacitados para lidar com a surdez em sua área de atuação, tal como, os objetivos específicos: compreender qual é a visão dos futuros docentes quanto ao seu papel no processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo; observar quais são as percepções dos discentes com relação a sua possível atuação com alunos surdos na sala de aula; averiguar se, a partir da visão dos alunos, a disciplina de Libras ofertada pela Unilab de fato os prepara para atuar com o público surdo.

O presente artigo trará assuntos que facilitarão a compreensão do tema que aqui é abordado como: surdez e deficiência auditiva; metodologias educacionais para alunos surdos; libras; Libras nos cursos de licenciatura da Unilab; seguido pela metodologia utilizada, análises dos resultados e considerações finais.

## 1 DISCUSSÃO TEÓRICA E REVISÃO DA LITERATURA

### 1.1 Surdez e deficiência auditiva

com a interculturalidade, a cidadania e a democracia nas sociedades, a Unilab fundamenta suas ações no intercâmbio acadêmico e solidário com Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

2 Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

É importante, antes de tudo, compreender a diferença entre surdo e deficiente auditivo. Segundo Sales (2010), o indivíduo com incapacidade auditiva é aquele cuja percepção de sons não é funcional na vida comum. Já aquele cuja percepção de sons ainda que comprometida, seja funcional com ou sem prótese auditiva, é chamado de pessoa com deficiência auditiva, ou seja, essa nomenclatura é atribuída a partir de uma análise clínica.

Já para Campos (2013, p. 48) o surdo é “[...] aquele que apreende o mundo por meio de contatos visuais, que é capaz de se apropriar da língua de sinais e da língua escrita e de outras, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento cognitivo, cultural e social.”

Dessa forma, entende-se que deficiência auditiva é uma limitação, impedimento ou incapacidade que um indivíduo possui ou adquira no decorrer de sua vida, já a surdez considera o indivíduo com diferença linguística e, por conseguinte, cultural. Segundo o decreto de n.º 5.626 de 22 de dezembro de 2005 artigo 2º (BRASIL, 2005), é considerada uma pessoa surda aquela que “[...] por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras.” Deste modo, entende-se que o surdo possui capacidade suficiente de se desenvolver e aprender, assim como os ouvintes, logo se deve respeitar suas particularidades linguísticas e culturais.

A adoção do termo que seja apropriado, surdo ou deficiente auditivo, é mais uma questão que surge nesse debate. Para afirmar qual é a melhor terminologia é importante ressaltar que o que pode incomodar de alguma forma a um indivíduo, não necessariamente irá incomodar ao outro. A expressão deficiente auditivo é um termo médico, por isso pode remeter o sentido de doença para alguns, gerando desconforto. O termo surdo retrata um indivíduo que compartilha e se inclui a um grupo que utiliza a língua de sinais e não se vê como doente marcado pela perda da audição. Segundo Cardoso (2016, p. 5), o termo *surdo* é largamente utilizado pelos pesquisadores e membros do corpo social surdo pois, como observamos, alguns estudiosos os colocam como sendo parte dos signos e ideais defendidos por eles (surdos). Então, julgamos que o termo que momentaneamente seja mais apropriado para se dirigir à comunidade surda,

é *surdo*.

## 1.2 Metodologias educacionais para alunos surdos

Foram usadas diversas metodologias para a inclusão do indivíduo surdo no sistema educacional e são elas: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

O oralismo vê a surdez como uma doença, por isso visa à reabilitação da criança surda (GOLDFELD, 2002). Neste aspecto, a estimulação auditiva é necessária no aprendizado da língua portuguesa. Com isto, a criança surda se integraria à comunidade ouvinte compartilhando da mesma identidade.

A comunicação total é o método que utiliza todas as formas de comunicação possíveis, com o intuito de oportunizar o direito à escolha da modalidade preferida de expressar-se. (SE-TWART, 1993). Esse tipo de comunicação torna o processo de comunicar mais livre, fazendo uso de todas as formas possíveis de expressão, seja nas linguagens verbais, gestuais ou ambas ao mesmo tempo, leituras faciais, escrita, alfabeto manual, fala, língua de sinais. Além disso, essa metodologia não utiliza a Libras como forma plena.

O bilinguismo para os surdos promove o ensino de duas línguas: a língua de sinais por ser sua língua natural e a língua oficial do país (Brasil), a Língua Brasileira de Sinais e o Português (LACERDA, 1998). Dessa forma, ao adquirir conhecimento sobre a língua de sinais a criança poderá desenvolver suas competências e capacidades linguísticas para auxiliar no aprendizado de uma segunda língua, tornando-se bilíngue. O propósito de ser ofertada uma educação bilíngue é possibilitar ao aluno surdo acesso as duas línguas, Libras e a língua Portuguesa, para que a pessoa surda possa sentir-se incluída nos dois grupos de praticantes.

Os surdos conseguem adquirir com mais facilidade e rapidez a língua de sinais, permitindo o acesso a uma linguagem eficiente e completa como a desenvolvida pelos indivíduos ouvintes, além de possibilitar ao surdo o desenvolvimento social e cognitivo mais adequado e mais compatível com a sua faixa etária.

*“O modelo de educação bilíngue contra-*

*põe-se ao modelo oralista porque considera o canal visogestual de fundamental importância para a aquisição de linguagem da pessoa surda. E contrapõe-se à comunicação total porque defende um espaço efetivo para a língua de sinais no trabalho educacional; por isso advoga que cada uma das línguas apresentadas ao surdo mantenha suas características próprias e que não se 'misture' uma com a outra." (LACERDA, 1998, p. 10).*

Segundo Goldfeld (2002, p. 42):

*"Os autores ligados ao bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo aceitar e assumir sua surdez."*

### 1.3 Libras

A Língua Brasileira de Sinais é uma forma de comunicação gestual utilizada pela comunidade surda. A Lei 10.436/02 dispõe:

*"Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico [sic] de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico [sic] de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil."*

A Libras não se trata, como muitos pensam, de mímicas ou gestos aleatórios, como meio de comunicação para com pessoas surdas, trata-se, porém, de uma língua estruturada com gramática própria. Os sinais são construídos combinando a movimentação e a forma das mãos com o ponto do corpo e/ ou espaço onde esses sinais são feitos. A Língua Brasileira de Sinais se originou a partir da Língua de Sinais Francesa. As línguas de sinais são singulares, cada país dispõe da sua própria língua, embora

seja uma língua considerada nova por muitos, detém de um vasto vocabulário. Por meio da Libras pode-se debater política, economia, matemática, física, psicologia entre outros (QUADROS; KARNOPP, 2004). Além disso, como qualquer outra língua, possui dialetos ou regionalismos, ou seja, algumas expressões diferem de região para região, legitimando a língua de sinais como língua afim de qualquer outra falada.

Quadros e Karnopp (2004, p. 35) alertam que: "A alegação de empobrecimento lexical nas línguas de sinais surgiu a partir de uma situação de intolerância em relação aos sinais na sociedade, em especial na educação." Por conseguinte, é necessário romper com toda e qualquer espécie de pensamento que advenha de estigmas e estereótipos, já que não são justos e desenrolam máculas sociais, cada língua tem suas regras e elementos de construção, que devem ser respeitados e assegurados. A Libras deve ocupar o espaço que lhe foi dado, sendo por sua vez, respeitada e praticada como a língua portuguesa. No processo de educação, a Libras deve ocupar lugar de destaque não só para alunos surdos, mas também para alunos ouvintes, já que um dos maiores objetivos do sistema educacional brasileiro é incluir e formar cidadãos e a linguagem seja ela verbal ou não, é a melhor forma de socialização entre pessoas.

## 2 LIBRAS NOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UNILAB

Na Unilab, dos oito cursos de licenciatura ofertados, todos possuem em sua grade curricular a disciplina de Libras. Para os cursos de sociologia e química, a disciplina é disponibilizada no sexto semestre e nos demais cursos são disponibilizadas no oitavo semestre, todas com carga horária de 60 horas/ aula. É possível deduzir que a disciplina não consegue capacitar esses futuros professores por possuírem uma carga horária mínima.

*"No decreto nº 5.626/05, não há menções sobre o formato que a disciplina LIBRAS deve assumir nos cursos de formação de professores no que se refere a quem poderá lecionar tal disciplina, a carga horária que em alguns caos é muito curta ficando aos alunos a busca por mais conhecimentos acerca da Libras;*

*aos objetivos já que se trata de uma língua visuo-espacial prioriza-se os conhecimentos teóricos ou práticos.” (ROSSI, 2010, p. 82-83).*

Mesmo que a disciplina de Libras seja obrigatória nos cursos de formação de professores de acordo com o artigo 3º do decreto de n.º 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), não há especificações a respeito da carga horária a ser adotada, por este motivo a disciplina de Libras é comprimida ao máximo nos cursos de graduação.

A promulgação de leis e a obrigatoriedade de matrícula em instituições de ensino regular bem como a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores, sem dúvida são medidas essenciais. Porém, ainda não são suficientes para que a inclusão, integração e formação de qualidade se efetivem para alunos surdos. Infelizmente, as escolas ainda não conseguem resgatar a dignidade e possibilitar novas perspectivas, abrir novos horizontes para alunos com surdez.

Para que a inclusão do surdo seja efetiva, não basta apenas ter um intérprete em sala de aula, é mais que isso, é necessário adequar o currículo de forma didática e metodológica, onde o professor, que se torna o principal ator nesse processo, esteja bem preparado com especializações em Libras: deve conhecer os tipos de surdez, deve saber agir a favor da inclusão para que ouvintes e surdos não sejam prejudicados, bem como estar totalmente capacitado para atender as necessidades de seus alunos e guiá-los no processo de aprendizado.

Junto ao processo de inclusão, a dificuldade que os professores têm para trabalhar com alunos com necessidades especiais é crescente (OLIVEIRA, 2012), sendo assim vem à tona outro ator que tem papel importantíssimo para a inclusão dos alunos surdos em sala de aula: seus colegas, ouvintes. Nesse processo, a empatia dos demais colegas para com o aluno surdo não só deve ser algo presente, como é algo necessário para que a inclusão e a integração de fato se estabeleçam. Pela proximidade que existem entre colegas de turma, há uma maior facilidade de contribuição para o processo de aprendizagem de ambos e, portanto os alunos ouvintes se tornam os principais aliados do professor em sala de aula. Além disso, seria

muito importante que a Libras passasse a ser uma disciplina curricular como as demais, a fim de promover a inclusão e possibilitar a comunicação mais efetiva entre os colegas ouvintes para com os colegas surdos.

### 3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a realização do estudo foi utilizado o método de pesquisa qualitativo que se atenta para a subjetividade, a fim de compreender e analisar o objeto analisado. As entrevistas realizadas tiveram o roteiro estruturado com dez perguntas abertas que foram aplicadas aos discentes da UNILAB a fim de coletar as informações necessárias acerca da preparação que os mesmos têm para lidar com alunos surdos quando estiverem atuando em escolas de nível básico.

A pesquisa foi desenvolvida nos dois *campi* da Unilab, na Unidade Acadêmica dos Palmares localizada na Rodovia CE 060, km 51, Acarape - CE e no *Campus* da Liberdade, localizado na Avenida da Abolição, n. 3 - Centro, Redenção - CE. Os colaboradores da pesquisa foram discentes dos cursos de licenciatura da Unilab (Ciências Biológicas, Matemática, Química, Física, Sociologia, História, Pedagogia e Letras), totalizando oito participantes. A escolha das amostras para a pesquisa levou em consideração os discentes que estão próximos à conclusão de seu curso, conseqüentemente mais próximos do mercado de trabalho e os discentes que já cursaram a componente curricular de Libras.

Após a coleta de dados e obtenção das informações necessárias, foi analisado, com base nas falas dos discentes de licenciatura, se os mesmos se sentem ou não aptos a trabalhar com deficientes auditivos severos quando formados, bem como se os mesmos detêm do conhecimento básico/intermediário na Libras. Além disso, foi averiguado como eles se sentem ao serem questionados sobre tal assunto.

### 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa qualitativa foi desenvolvida e aplicada através de um roteiro de entrevista estruturado com dez perguntas de caráter sub-

jetivo, para uma amostra de alunos dos cursos de licenciatura, (Biologia, Química, Física, Matemática, Sociologia, Pedagogia, Letras e História), os participantes não foram identificados, mas são representados pelo curso que estão vinculados. Foram obtidas as seguintes informações, e serão adicionados os dados considerados mais relevantes para a pesquisa:

#### 4.1 A disciplina LIBRAS na UNILAB e a capacitação do futuro professor

- Você tem domínio da Libras?

O discente da Letras, entrevistado em 2018, pontua: *"Não. Embora eu já tenha cursado a disciplina de Libras, bem como já tenha feito cursos online e o curso de noções básicas, oferecido pela Unilab, não tenho domínio."* O colaborador da Sociologia complementa: *"Pela preparação que tenho não me sinto preparado para lecionar"*.

- Em sua opinião, a universidade te capacitou como deveria para atuar com o público surdo?

O discente da Letras alega que: *"Nossa licenciatura dispõe de apenas uma disciplina de 60 horas em Libras. É impossível se capacitar em 60 horas, apenas aprendemos noções básicas, quebramos mitos sobre a referida língua e aprendemos um pouco da história dos sujeitos surdos"*. Esse aprendizado sobre a Libras tem sido de grande valia para a desconstrução de mitos ainda presentes na sociedade, o entrevistado da Sociologia afirma essas desconstruções quando relata: *"(...) foi a primeira vez que tenho contato com esse mundo, e hoje não consigo ver surdos como pessoas doentes como via antes"*, o colaborador da Biologia afirma que: *"Não. As licenciaturas ainda estão presas a doutrinar os futuros professores como meras máquinas de repasse de conteúdo, e dão pouco aporte para a prática em diversas metodologias"*, o participante da Matemática afirma que: *"Com certeza, não!"*

- Você considera a disciplina de Libras suficiente para te preparar para o mercado de trabalho?

O colaborador da História alega que: *"De forma nenhuma, uma disciplina que você cos-*

*tuma ver nas universidades de no máximo 90h não é suficiente pra quase nada e se torna totalmente insuficiente."* Além disso, o discente da Química diz que: *"Não, é um sistema muito complexo para uma carga horária de curso muito pequena"*, o colaborador de Letras completa: *"Não. Apenas nos fornece subsídios introdutórios"*.

#### 4.2 A preparação do futuro professor para a inclusão do aluno surdo

- Como você enxerga o papel do professor ouvinte para o processo de ensino/ aprendizagem de alunos surdos?

Percebe-se a partir das respostas, que o professor é peça fundamental para esse processo, o discente de Química relata *"Ele é essencial por ser o responsável pela mediação dos conhecimentos para com esses alunos"*. O participante da Letras afirma que o professor: *"Deve assumir um compromisso de buscar meios de incluir esses alunos na sala com os outros alunos ouvintes, de modo que haja uma integração, o professor enquanto mediador do conhecimento deve buscar formas de fazer uma transposição didática, na qual, o aluno surdo possa compreender e participar ativamente das aulas, como forma de inclusão e de o aluno se apropriar dos conhecimentos ensinados, formando-se então pessoas capazes de se comunicar e de se integrar a sociedade"*.

O entrevistado da História complementa que *"A grande maioria dos professores ouvintes não tem sequer o domínio básico de Libras o que dificulta imensamente a transmissão do conhecimento para o surdo o que acaba de fato gerando exclusão"*. O papel do professor, além de ensinar, é de também estimular as potencialidades de seus alunos, dentro dos aspectos socioculturais e existências.

- Você se sente preparado para ensinar para alunos com deficiência?

O participante do curso de Sociologia diz: *"Acredito que não, porque estudar Libras apenas num semestre e sem prática não tem como ter domínio"*. A resposta dada por ele mostra que é necessário rever a carga horária desta disciplina, tendo em vista a importância

que a mesma possui para formar um bom profissional, que preze pela educação inclusiva, que faça diferença no meio em que vive podendo, desse modo, tornar o ensino da rede pública menos excludente. Ainda sobre essa questão, o discente da Física afirma: *“No momento atual, não”*, o colaborador da Biologia relata que: *“Não. Pois não possuo formação necessária para atender alunos com esse tipo de deficiência.”*

- Qual seria sua reação ao conseguir seu primeiro emprego e já se deparar com um aluno surdo em sala de aula?

A partir dessa projeção do futuro, os discentes da Química e da Física, tiveram respostas parecidas, respectivamente: *“Me sentiria incapaz de me comunicar adequadamente com ele, mas tentaria buscar uma forma de poder instruí-lo”*; *“Acredito que eu iria fracassar. Espero que com o contato com a Libras isso mude”*. O que foi percebido considerando-se as respostas foi que, embora não possuíssem propriedade sobre a Libras, todos têm a noção de que ter o domínio sobre essa língua é muito importante para tal situação. Todos mostraram interesse em, de algum modo, buscar meios para incluir o aluno em sala de aula, *“Não tenho domínio nem formação em Libras, mas buscaria formas de não prejudicar o aluno, buscaria dá a mesma atenção dos demais ao aluno portador da necessidade especial”*, como relata o aluno do curso de Biologia. *“Buscar soluções que não prejudique ambas as partes, meios de ensinar, aprendendo. Buscar ajuda de outros profissionais, a colaboração da escola e da família. O mais importante é não excluir o aluno, não fingir que ele não está presente como é a realidade de muitas escolas”*. (aluno do curso de Letras).

#### 4.3 Para além da sala de aula, inclusão é um movimento

- É sabido que a Unilab dá ênfase a questões de aceitação e luta pela integração e pela inclusão para com a comunidade Lgbt, quilombola, indígena, negra, mas e para com o surdo? Você já participou de algum movimento de luta pelos direitos dos surdos?

*“Uma única vez participei e em um evento no ano de 2017 o evento chamado “setembro azul”, o mês de setembro é destinado a pessoas com deficiência auditivas, a comunidade de forma*

*geral só se preocupa com esta causa quando vivência na pele, caso contrário não generalizando, mas a grande maioria não dão importância e a tão sonhada inclusão não acontece”*. (aluna do curso de História)

*“Ainda não, como eu falei antes ainda falta muito que fazer, penso que a universidade ainda não está preparada.”* (aluna do curso de Pedagogia). *“Nunca participei e, acredito que com relação a minorias, deve haver igualdade de oportunidades para que ocorra essa inclusão e não somente com demagogias políticas para fortalecer ideologias filosóficas progressistas.”* (aluno do curso de Matemática).

*“Não, até o momento não presenciei nenhum movimento de luta pelos direitos das pessoas surdas.”* (aluno do curso de Química); *“Não tive”* (aluno do curso de Física); *“Movimento” não. Mas a universidade de vez enquanto tem buscado criar eventos que viabilizem essa questão, embora, em minha opinião ainda haja um apagamento do setor responsável. Muitos estudantes não sabem que existe um Setor de Acessibilidade – SEACE, acredito deveria haver uma sistematização maior de divulgação e ações que pudessem trazer a questão da educação dos surdos com mais frequência dentro e fora.”* (aluno do curso de Letras).

Os dados parecem confirmar as informações apresentadas durante o estudo. É válido salientar que este trabalho não visa de forma alguma inferir ao professor a total responsabilidade de lecionar, promover a inclusão do aluno, dentre outras que podem ter ficado subentendidas no decorrer deste artigo, afinal, a escola e a família também têm papel importantíssimo. Além disso, ressaltamos que é perceptível o avanço que a Universidade conseguiu no decorrer dos últimos anos com relação à inclusão e luta pelos direitos dos surdos, também pontuamos que o problema abordado neste trabalho é comum a todas as universidades brasileiras, porém, pretendemos chamar atenção dos discentes, dos professores e da comunidade para essa questão que tem sido há muito tempo esquecida e que necessita de maior visibilidade e de possíveis soluções que possam surgir tendo como base a presente pesquisa.

O material coletado confirma a tendência que muitos dos futuros profissionais possuem de pertencer a uma parcela de professores que não conseguem promover a integração, bem como a inclusão dos alunos surdos com os

demais, conseqüentemente o aluno surdo não consegue desenvolver-se em equivalência aos ouvintes, o que pode resultar em inúmeros problemas, como a evasão escolar, o não ingresso à Universidade, a continuidade e perpetuação de preconceitos, dentre tantos outros.

Felizmente, os entrevistados apresentam motivações para buscar, utilizando outros meios, o aprendizado da Libras como forma de possibilitar uma boa educação para o surdo. É visível a partir das respostas concedidas pela amostra de alunos, que a universidade ainda não está preparada para lidar com essa questão; o que pode ser explicado por ser considerada uma instituição nova e por não ter uma grande demanda de ingressantes surdos. Dessa forma não busca promover ações mais eficazes para o ensino da língua de sinais na mesma.

Infelizmente, quando se fala de ensino para surdos, a universidade não forma um profissional capacitado para motivar, incluir e lecionar de forma qualificada, o que por sua vez, passa a ser um dos motivos da evasão escolar, bem como não gerar interesse para estudar em uma universidade. Assim, a inclusão e equidade de direitos vão se distanciando ainda mais.

Para concluir, pode-se evidenciar que os discentes que estão finalizando seus respectivos cursos ainda não possuem o domínio da língua de sinais, os mesmos também entendem que o componente Libras não é suficiente para atender a demanda de discentes e promover um conhecimento mais aprofundado. Além disso, nenhum deles se sente capacitado para atuar com alunos surdos quando estiverem inseridos no mercado trabalho. É importante ressaltar o quão importante tem sido o trabalho da professora Vanessa Teixeira de Freitas Nogueira, professora de Libras, citada por um dos entrevistados, assim como as pessoas que contribuem de algum modo para essa questão, uma vez que a mesma através do seu trabalho tem sido responsável por desconstruir preconceitos e estigmas sobre a surdez, além de ter despertado o olhar de seus discentes para essa questão.

De modo sumarizado pode-se dizer que, de acordo com as percepções dos oito entrevistados, a universidade não os prepara para o mercado de trabalho quando se refere à inclusão, em específico, aos surdos. Dados que são compartilhados por todos os envolvidos na pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses resultados evidenciam o quanto é necessário que se amplie não só a carga horária da disciplina e o quadro de professores da mesma, mas também que haja a expansão de movimentos, programas e projetos que olhem para a comunidade surda, que vá para além das barreiras da universidade, que sejam criados projetos de extensão que dê oportunidade de atuação nas escolas de ensino básico, tal como no âmbito da Unilab, promovendo palestras, encontros, oficinas, rodas de conversas e minicursos para que, mesmo de forma minimizada, seja proporcionado esse aprendizado que é tão importante para educação e inclusão de todos.

Observa-se que na grande maioria das vezes o conhecimento dessa língua só é ofertado para os surdos, e a partir dessa afirmação surge uma indagação pertinente, como objetiva-se a inclusão e integração dos surdos a sociedade se a sociedade não possui domínio da língua de sinais que permitiria a comunicação com o surdo? A Libras não deve ser ensinada apenas à comunidade surda, mas à população como um todo.

Esse estudo é muito significativo uma vez que apresenta à sociedade o que é oculto, chama atenção e possibilita aos envolvidos na pesquisa, bem como aos que serão atingidos por ela, uma reflexão, *como eu estou me formando para lecionar para as mais diversas pessoas e não possuo capacitação para ensinar para essa diversidade? Ou como eu nunca parei pra pensar sobre essa questão se é algo que pode fazer parte da minha realidade quando eu começar a trabalhar, e não só, já que a comunidade surda não é composta por duas, três pessoas, mas por milhares delas?* Além disso, a presente pesquisa servirá de pontapé para outras que virão, de modo a chamar atenção daqueles que buscam fazer a diferença, para aqueles que acreditam na equidade dos direitos. Essa pesquisa será de grande valia para todos os cursos da universidade, uma vez que se pretende desnaturalizar e causar questionamentos sobre o surdo dentro e fora da universidade, numa dimensão subjetiva dos fenômenos sociais do surdo, recolocando a surdez como pauta a ser debatida na Unilab. Dessa forma, teremos um movimento de luta e garantia de direitos dos surdos de maneira eficaz e transformadora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIOLOGIA. *Entrevista III*. [set. 2018]. Entrevista transcrita em documento Word no computador da entrevistadora. Entrevista concedida a Bianca dos Santos Marques.

BOUVET, Danielle. (1990), *The path to language: bilingual education for children*. Filadélfia, Multilingual Matters.

BRASIL. Lei nº 10436, de 22 de abril de 2002. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm) Acesso em: 19/06/2018.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. *Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626)

.htm Acesso em: 07 de agosto de 2019.

CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro. (2013), "Educação inclusiva para surdos e as políticas vigentes", in C.B.F. de Lacerda; L.F dos Santos, (Org.), *Tenho um aluno surdo, e agora?*. Introdução à LIBRAS e educação de surdos. São Carlos, EdUFCSCar, cap. 3, p. 37-61.

CARDOSO, Israel Gonçalves. "Surdo-Mudo ou Mudo, Deficiente Auditivo ou Surdo: qual dessas terminologias pode-se adotar". (2016), *Revista Virtual de Cultura Surda*, 7: 1-6. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/user>

files/files/2%C2%BA%20Artigo%20REVISTA%2017%20Israel%20Gon%C3%A7alves%20Cardoso.pdf>. Acesso em: 15/10/2018.

FÍSICA. *Entrevista VII*. [set. 2018]. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora. Entrevista concedida a Bianca dos Santos Marques.

GOLDFELD, Marcia. (2002), *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista*. 5ª Edição. São Paulo, Plexus Editora.

HISTÓRIA. *Entrevista V*. [set. 2018]. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora. Entrevista concedida a Bianca dos Santos Marques.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. (1998), "Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos". *Cadernos CEDES*, 19, 46: 68-80. FapUNIFESP. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=en&nrm=iso>>. Acesso em: 14/10/2018.

JUSBRASIL. *Art. 59, inc. III da Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96*. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11686882/artigo-59-da-lei-n-9394-de-20-e-dezembro-de-1996>.

Acesso em: 10/06/2018.

LETRAS. *Entrevista I*. [set. 2018]. Entrevistador: Bianca dos Santos Marques. Redenção, 2018. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora: Bianca dos Santos Marques.

MATEMÁTICA. *Entrevista IV*. [set. 2018]. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora. Entrevista concedida a Bianca dos Santos Marques.

MOURA, Maria Cecília de. Surdez e linguagem, in C.B.F de Lacerda; L. F. dos Santos (Org.). *Tenho Um Aluno Surdo, e agora? Introdução à libras e educação de surdos*. São Carlos: EdUFSCar, 2013. Cap. 1, p. 13-26.

OLIVEIRA, Tatiana Novaes de. *A empatia, a sensibilização e a formação de professores do ensino público para uma inclusão efetiva de alunos com necessidades educacionais especiais*. Trabalho de conclusão de curso. Rio Claro: Licenciatura em Ciências Biológicas/Universidade Estadual Paulista, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/120326>>. Acesso em: 16/10/2018.

PEDAGOGIA. *Entrevista VIII*. [set. 2018]. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora. Entrevista concedida a Bianca dos Santos Marques.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. (2004), *Língua brasileira de sinais, estudos*

*linguísticos*. Porto Alegre, Artmed.

QUÍMICA. *Entrevista VI*. [set. 2018]. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora. Entrevista concedida a Bianca dos Santos Marques.

ROSSI, Renata Aparecida. (2015), A Libras como disciplina no ensino superior. *Revista de Educação*, 13, 15: 82-83.

SALES, A. M. et al. *Deficiência auditiva e surdez: visão clínica e educacional*. São Paulo, UFSCar, 2010.

SAVIANI, Demerval. (2008), *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. 34ª ed. Campinas, Autores Associados.

SOCIOLOGIA. *Entrevista II*. [set. 2018]. Entrevista transcrita em documento. Word no computador da entrevistadora. Entrevista concedida a Bianca dos Santos Marques.

STEWART, D. A. (1993), "Pesquisa sobre o uso de língua de sinais na educação de crianças surdas", in M. C. Moura et al., *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo, Tec Art.

Recebido em 30 de outubro de 2018

Aprovado em 08 de outubro de 2019

